

Homilia do dia 20/08

Missa da Reconciliação¹

Cardeal Dom Cláudio Hummes, Legado Pontifício

Meus irmãos e irmãs, saúdo fraternalmente Dom Alberto, Arcebispo da Arquidiocese de Belém e presidente deste Congresso, os demais Arcebispos e Bispos, senhores Cardeais, padres, seminaristas, religiosos, diáconos e todo o querido povo que aqui veio para esta celebração eucarística. Sabemos que em todas as paróquias da arquidiocese neste momento está havendo também esta celebração da reconciliação.

Hoje nós queremos de modo muito particular celebrar, nos arrepender dos nossos pecados e também nos alegrar na certeza de que Deus nos recebe com grande coração e muita alegria, porque, quando um(a) filho(a) Seu volta, Ele o(a) recebe com grande alegria. Deus é misericórdia, Deus é bom, a Sua misericórdia é infinita; apesar de os nossos pecados e os do mundo serem tão grandes, que comumente não entendemos como é possível a maldade humana chegar tão longe às vezes, quando nós voltamos, Deus se alegra imensamente em nos perdoar. Entendemos isso quando pensamos em Deus como um pai, mas que deixa seus filhos livres, porque Ele quer que sejamos livres, mas que também respondamos por nossos atos. Essa é a nossa dignidade humana. Nós somos livres, Deus nos quer assim, adultos, livres, mas também responsáveis, e é com esta responsabilidade que, quando voltamos e reconhecemos os nossos erros,

¹ A presente homilia foi proferida na Catedral Metropolitana de Belém do Pará, às 8h.

os nossos pecados, nos arrependemos de não ter sido aquilo que Ele poderia esperar de nós, Ele nos recebe com grande abraço. Como aquele pai do filho pródigo, lembra? Ele não impediu que o seu filho o abandonasse, que lhe virasse as costas e fosse pelo mundo afora. Deus nos quer livres, não nos quer escravizados. Mas esse pai sofria imensamente e desejava muito a volta do seu filho, olhava a curva da estrada, e, no dia em ele viu o seu filho apontar lá na curva, ele correu ao seu encontro. Ele é que foi, porque ele sabia que o seu filho estava muito derrotado, sentia-se humilhado por ter sabido ser responsável por si mesmo, ter cometido tantos erros. Ele voltou humilhado, e o pai não quer isso, o pai quer que o filho levante a cabeça novamente e possa reiniciar com alegria e dignidade a sua vida. O pai não o deixa nem terminar a confissão e diz: “Vamos lá, vamos fazer uma festa, traga a melhor veste, vamos matar um novilho gordo e fazer uma grande festa, porque o meu filho voltou”.

É assim que Deus olha para cada um de nós e para a humanidade. Nós temos a possibilidade de sermos perdoados, de sermos reconstruídos por Ele. E Ele nos faz com alegria e com amor. Deus não nos está rejeitando, não nos está censurando nem cobrando, por assim dizer. Não, Ele faz festa; é inacreditável. Deus é assim. E isso foi possível porque Jesus Cristo, Seu filho, veio a nós, fez-se um de nós, quis conosco fazer uma parte dessa caminhada como homem aqui na terra, partilhar a nossa condição, menos o pecado, mas as consequências, os sofrimentos, as canseiras, as limitações, tudo isso Ele quis também assumir, e assumiu em Seus ombros, como diz Isaías, todos os nossos pecados e crimes Ele assumiu, Ele carregou sobre Si. E nos amou até o fim, para nos libertar de muitos males. E esse “até o fim” significou até a morte na cruz. É por isso que,

todas as vezes que nós tomamos consciência dos nossos pecados e olhamos para a cruz, nós sentimos fortemente o que isso significa, porque Ele morreu na cruz para o perdão dos pecados. A Escritura diz isso com palavras simples e claras: Ele morreu na cruz para o perdão dos nossos pecados.

Vamos reconstruir como filhos de Deus, como povo de Deus, como família de Deus. Deus faz qualquer coisa para não perder ninguém, você, alguém da sua família... Isso também nós lemos hoje aqui no Evangelho, eu vou apenas repetir. Jesus, Ele mesmo, diz: “Eu, o Cristo, terei que sofrer, mas ressuscitarei dos mortos ao terceiro dia e no meu nome serão anunciados a conversão e o perdão dos pecados, e vós sereis testemunhas de que realmente o perdão existe”. Deus perdoa, sim. “Vós sereis minhas testemunhas pelo mundo afora”, e Jesus ressuscitado, quando aparece aos apóstolos em certo momento, sopra sobre eles, porque o sopro é o símbolo do Espírito Santo, e diz: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados serão perdoados”. Jesus dá esse poder depois da ressurreição, Ele conquistou na cruz a possibilidade de que aquela porta se abrisse — a porta do perdão. O pai esperava que um dia se abrisse de novo essa porta, e Jesus pode abrir a sua porta, porque se fez homem, morreu por nós e ressuscitou, venceu o mal. Ele, n’Ele, foi vencido o mal plenamente, e assim a porta se escancarou para nunca mais se fechar, porque Jesus, como homem, já está total e plenamente redimido, e assim o Pai pode também alcançar todos nós. É o Pai que vem ao nosso encontro, muito mais do que nós vamos ao encontro d’Ele. Ele é que nos abraça, nos encoraja, Ele diz que, se quisermos, Ele perdoa os nossos pecados, sim, vai nos reconstruir, nos dar novamente toda a dignidade de filho(a) d’Ele, vai caminhar conosco apesar da nossa fraqueza, porque o mal

está sempre aí, mas voltamos sempre, abrimos nosso coração para deixarmos Deus entrar, nos abraçar, nos perdoar. Nós devemos deixar Deus nos perdoar. Mas nós somos, às vezes, arrogantes, não queremos nem ser perdoados, e Deus nos pede que deixemos que Ele o faça, mas nós fechamos a porta, porque somos arrogantes.

Então, é esse o grande mistério da misericórdia de Deus que o papa Francisco tanto quis novamente colocar no centro da vida da Igreja, mas não apenas neste ano santo, porque este ano santo é para ser uma nova renovação dentro da Igreja deste espírito, desta certeza, desta alegria de que Deus é misericórdia. Portanto, quando nós pedimos a misericórdia de Deus, não é um dia de tristeza. Esta missa não é de tristeza, mas de alegria, porque nós nos alegramos com a misericórdia de Deus, com este Pai bom e que nos quer ver felizes. Assim, vamos nos alegrar com isso. Nós damos alegria a Ele e Ele se alegra conosco no momento do perdão. E este perdão é real, o pecado não existirá mais. A Escritura diz que Deus, por assim dizer, esquece totalmente. Não é apenas uma conversa, não; Ele diz: “Eu te perdoo”. Mas, ao mesmo tempo, diz também: “Perdoa o teu irmão, aprende, tem um coração grande. Não fiques cobrando aquele que te ofendeu, que te deveu... não, perdoa de verdade, com coração grande”. Você diz: “O meu coração não acompanha, meu coração continua revoltado”. E é assim, às vezes, o nosso coração não acompanha. Mas nós temos que fazer com a nossa vontade. O perdão é um ato de vontade. “Eu lhe perdoo e quero o seu bem, eu vou ajudar para que você esteja bem. Vou rezar por você.” Isso é perdão, isso é querer bem, mesmo que o coração lá dentro leve certo tempo para se apaziguar diante das ofensas de que fomos vítimas. Isso não é fácil, mas não duvide, e, se você duvida de que não é capaz de perdoar, reze por aquela

pessoa; isso mostra que você tem vontade de que ela esteja bem, de que Deus lhe faça o bem, mesmo que o seu coração não acompanhe ainda.

Esse perdoar os outros é uma das obras da misericórdia que nós temos que praticar, porém não se detém somente no perdão. A misericórdia também significa irmos ao encontro daqueles que são sofridos, pobres, esquecidos, dos que são humilhados, excluídos, dos que estão desempregados. Ir ao encontro das pessoas, ajudá-las, encorajá-las, mesmo que não possamos fazer um milagre, mas estar junto, apoiar; isso é misericórdia e para isso diz o Papa que nós temos que encurtar as distâncias, nós temos que ir até eles, e não só esperar que eles venham, porque há pessoas que não esperam mais que venha alguém, já deixaram de gritar, porque ninguém ouviu o seu grito, e nós temos que ir, escutar novamente o grito dos sofridos e saber que estamos ali para abraçar, consolar, rezar junto, chorar junto, começar a sonhar de novo junto, abrir horizontes, acender luzes no caminho dessas pessoas. Isso é misericórdia. Porém, também misericórdia, diz o Papa, não são essas coisas tão humanas, tão diretas, que são importantíssimas para as pessoas.

Uma vez, ao abraçar uma pessoa, ela me disse: “Dom Cláudio, há muito tempo ninguém me abraçava”. Era só um abraço que essa pessoa estava desejando imensamente. Mas o Papa diz que há muito mais a ser feito. A misericórdia também significa lutar pela justiça, pela igualdade, para que não haja tanta gente empobrecida devido à forma como organizamos a sociedade. Nós temos que lutar também para que a sociedade seja mais justa, as estruturas sejam menos opressoras, menos excludentes, menos corruptas, nós temos que participar, porque isso também é misericórdia com os mais pobres, pois são eles os primeiros a pagar a conta, então, tudo isso faz parte de nós sermos misericordiosos.

Desse modo, que possamos hoje, neste dia da misericórdia, refletir, meditar sobre isso, rezar por aqueles que nós queremos perdoar, perdoar e nos alegrar de que Deus nos perdoa. Quando você vai pedir perdão, faça isso com a grande certeza de que o Pai está muito feliz com você, porque está pedindo que Ele lhe perdoe. Amém.

